

IAs: a educação e o tecnossolucionismo¹

Adilson CITELLI²

Escola de Comunicações e Artes, USP

RESUMO

O grupo de trabalho sob a nossa coordenação, o MECOM: Mediações Educomunicativas, vem realizando, a partir de uma metodologia crítico-dialógica, pesquisas visando a entender se e como os dispositivos digitais, à maneira do ChatGPT, ganham presença na educação básica. Nesta comunicação, ocupar-nos-emos, particularmente, de questões éticas interpostas no acionamento das IAs nos ambientes escolares. Verificamos que as linguagens generativas tendem a ser vistas menos como estruturas marcadas por vieses e mais como resoluções tecnossolucionistas.

PALAVRAS-CHAVE

Comunicação; educação; IA; Big Techs; ética

CORPO DO TEXTO

Preliminares

Entre as chamadas inovações tecnológicas, as IAs vêm ganhando proeminência e parecem destinadas a realizar uma série de tarefas que pertenciam ao exclusivo âmbito humano. Aqui, nos referimos às IAs que funcionam menos como “árvores de busca” (jogos, quebra cabeça, resolução de problema) e mais como “*machine learning*” (preditivas, podem tomar decisões autônomas, melhoram o seu desempenho na sequência dos circuitos de *inputs* e *outputs*). E, neste caso, encontramos um dispositivo de grande potência quando são exigidos reconhecimento de padrões (forjados em ambientes matemáticos, estatísticos, algorítmicos) e cuja execução ocorre com extrema rapidez e significativa eficiência. É compreensível que a educação formal venha mobilizando preocupações frente a esta nova circunstância e na qual os assistentes digitais e *chatbots* como o GPT marcam crescente presença. Uma das variáveis deste processo diz respeito às questões éticas decorrentes dos liames criados entre usuários e algoritmos; o sujeito

¹. Trabalho apresentado no GP Comunicação e Educação, XIX Encontro dos Grupos de Pesquisa em Comunicação, evento componente do 47º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Univali. Camboriú, Santa Catarina.

². Prof. Titular Sênior. Departamento de Comunicações e Artes. PPGCOM- ECA-USP.

que pergunta à máquina, a resposta daí advinda, as operações subseqüentes criadoras de circuitos discursivos cujas origens não são identificadas, tampouco as eventuais informações dotadas, necessariamente, de fidelidade e procedência. É pertinente colocar em circulação (a exemplo de uma atividade escolar) algo (um discurso) que nascido sob o signo da “verdade” desconhece as fontes de onde deriva? Qual o nível de responsabilidade dos professores e professoras que projetam, em sala de aula, *slides* importados do GPT, mas que contenham erros de informação? Enfim, estamos diante de cenário a trazer consigo não apenas respostas tecnológicas para tornar as relações de ensino-aprendizagem mais dinâmicas ou atraentes, senão, também, indagações que sob a perspectiva ética mal começaram a ser discutidas.

Elementos teórico-metodológicos

Conforme enunciado no resumo, esta comunicação decorre de pesquisa realizada sob o título *Ensino remoto emergencial e transições associadas*³, levada a termo entre os finais de 2021 e meados de 2022, cuja conclusão ocupou o ano de 2023. Para tanto, acionamos metodologia de cunho interdisciplinar, associando referenciais vindos da comunicação, da educação (e suas interfaces educacionais) e da linguagem. No tangente aos andamentos metódicos aplicamos questionário *Google Forms* junto a quatrocentos e quarenta e sete professores e professoras concentrados em maior monta nos estados de São Paulo, Pernambuco, Bahia e Santa Catarina. Ainda que para o presente texto tenhamos feito recorte mais analítico do que ocupado com os indicadores quantitativos explicitados na investigação, cabe situar o lugar de onde surge a preocupação em estudar certos componentes éticos que circundam a apropriação das mídias digitais, sobretudo das IAs quando remetemos o problema para os ambientes escolares.

No intuito de densificar esta reflexão, apoiamo-nos em referenciais, alguns que nos acompanham há mais tempos, caso de Jesús Martín-Barbero, Paulo Freire, Mikhail Bakhtin, Hartmurt Rosa; outros focados na cultura digital, como Evgeny Morozov, Giselle Beiguelman, Max Fisher e Shoshana Zuboff; e mesmo aqueles e aquelas com trabalhos direcionados para as IAs e os sistemas algorítmicos, a exemplo de Mark Coeckelbergh, Margaret Boden, Katharine Schwab e Cathy O’Neil.

³. <https://mecom.eca.usp.br/2023>

Os dados coletados pela pesquisa revelam uma linha de continuidade voltada a problematizar a entrada dos dispositivos digitais na escola. E, nos momentos finais da nossa investigação, já se apresentavam manifestações entre eufóricas e espantadas com o ChatGPT. É a este último movimento que iremos nos dedicar doravante, colocando-o sob crivo das questões éticas, assunto para o qual orientamos as nossas recentes preocupações (Citelli, 2023;2024).

Percurso analítico

A ampla difusão da IA generativa, ou de aprendizado de máquinas, sobretudo quando o assunto concerne à educação formal, precisa atentar para os limites entre o tecnossolucionismo e o dimensionamento das reais necessidades e mesmo possibilidades de implantação de sistemas que podem trazer consigo dimensões positivas – a serem reconhecidas em diferentes áreas – mas, também uma série de desafios. Daí é possível que derivem “As redes, grupos, comunidades, como eventuais exércitos a marcharem em ordem unida a partir de inimigos inexistentes para provocarem guerras absurdas. Antivaxx, aviões cuja fumaça contém agentes modificadores do cérebro, zika, complô judaico, plano de controle da população, início da batalha para a tomada do poder global etc.” (Fisher, 2023, p. 90). As teorias da conspiração, notícias falsas, a criação de inimigos imaginários, o palavrório populista, negacionista, fazem parte deste conjunto cuja força dos impulsionamentos apoiados nas IAs e seus algoritmos tem contribuindo para a difusão de pautas que correm no sentido anti-horário da história.

A presença das IAs nas redes de ensino (é preciso aludir que o referido comparecimento independe dos eventuais acionamentos delas nas salas de aula, pois discentes e docentes convivem com os dispositivos cotidianamente), impõem observar a existência de novos e inúmeros reptos interpostos às salas de aula. Alguns dependem da extensão e profundidade do debate institucional, político, que envolve a sociedade, a ciência, a pesquisa universitária, para não alongarmos a lista. E outros, malgrado conexos aos anteriores, solicitam tratamento à luz dos processos educativos, da educação midiática, haja vista os próprios objetivos que ensejam (ou, deveriam ensejar) os processos de ensino-aprendizagem voltados à formação da cidadania integral. Ao se tratar das IAs, e das mídias em geral, cabe colocar sob mira a existência de um dispositivo sociotécnico marcado por dupla e integrada dimensão, ao mesmo tempo de fenômeno social e de recurso matizado por dimensões operacionais e funcionais que requisitam

conhecimento mínimo por parte do usuário. Ou seja, acessar um *chatbot*, ou um assistente virtual, não é mero gesto mecânico, “técnico”, mas uma ação, ou se quisermos, um movimento praxiológico que carrega consigo compromissos, dimensões éticas.

Sob tal ambiente, programas de educação midiática ou educomunicação podem representar caminhos para que o utilizador tome consciência de que o acionamento do GPT ou do Bard, não dizem respeito apenas a cliques ou *prompts* de busca, mas trazem consigo gestos implicados com algo que chamaremos de “responsabilidade operacional”. Parece inescapável, portanto, que dos projetos político-pedagógicos das escolas deva constar, doravante, reflexões sobre o lugar, as dimensões, as consequências do uso das IAs na educação formal. Considerando tanto os desafios próprios dos processos de ensino-aprendizagem que ocorrem nas salas de aula, quanto no tangente ao debate mais geral afeito à presença dessas tecnologias na vida cotidiana. Sintetizamos, por ora, os seguintes pontos, de tantos outros que devem ser observados, caso exista o propósito de as unidades educativas trazerem para o seu âmbito a discussão sobre uso, circulação, acionamento etc., das IAs.

1) Transparência e responsabilização algorítmica. Ainda que as IAs estejam recobertas de mistério, afinal, o usuário comum pouco ou nada sabe das operações generativas, dos pré-treinamentos, da linguagem *transformer*, é imperioso esclarecer como por trás destes sistemas existem programadores, formuladores de algoritmos, interesses empresariais das *big techs* etc. Em um termo, cabe trabalhar com a perspectiva segundo a qual o *software* não é, *soi-même*, responsável pelo produto que disponibiliza. Isto nos leva a um segundo problema, o da responsabilidade de quem aciona o sistema. Por exemplo, difundir *fake news* não é mera instrumentalização maquínica, um “clique de comando”, mas ação individual cuja operação técnica precisa passar pelo crivo da responsabilidade moral. Em um termo, importa colocar aos alunos e alunas que existem compromissos, critérios, escolhas, vieses etc., quando se acessa (ou se dá continuidade) a materiais provindos da internet, das redes sociais, do ChatGPT.

2) Privacidade dos dados. Enquanto companhias como Google, TikTok, Open AI, Meta, Microsoft, disputam a construção de bases de dados cada vez maiores, prosseguimos tendo as nossas informações e perfis atraídos pelos motores de busca das *big tech*, sem que possuamos o mínimo domínio sobre tal processo. Atentar para a invasão

da privacidade digital é uma forma de tornar o usuário um pouco mais consciente do que implica utilizar computadores, smartphones, internet etc.

3. Canto da sereia da amizade. Os sistemas tecnológicos e os seus inúmeros dispositivos digitais são mediadores que funcionam à maneira de sofisticadas redes de espionagem. No coração das IAs não vive a alma humana, senão algoritmos, equações matemáticas, cálculos algébricos, formulações probabilísticas. Ao contrário do que possa sugerir a muitos usuários do ChatGPT, por exemplo, não se está frente a um companheiro em quem podemos confiar plenamente, seja na recolha das informações, seja a ele fornecendo os nossos sonhos e segredos. Enfim, quando acionamos o *chatbot* da Open AI, através do computador ou do *smartphone*, para não alongarmos a lista, estamos diante de uma mediação técnica “com os seus próprios interesses e objetivos” e não frente a amigos diletos que costumam nos acompanhar em boa parte da vida. A despeito de parecer absurdo, convém lembrar que nomes como Alexa, Siri ou Cortana sugerem a existência de gente, parecem com gente, mas reservam a sua singular existência aos circuitos integrados dos *softwares*.

4. Velocidade. As mudanças tecnossociais corriam em ritmo relativamente lento, ao menos até a expansão do industrialismo inglês e associados. Mesmo com o sucesso do torno mecânico, da eletricidade, da energia gerada por força da combustão dos motores, o ajuste de certos processos econômicos, sociais e culturais pedia maior estratificação e tempo de acomodação. Tal ritmo foi alterado, substancialmente, haja vista a expansão e profundidade alcançada pelas mutações digitais que acontecem na virada do século XX para o XXI. O resultado é um processo de aceleração social do tempo que condensa tudo no *hic et nunc*. O fato de alguém solicitar um texto ao ChatGPT e em segundos tê-lo com escrita bem realizada e assunto compreensível ou aceitável (deixemos, por ora, os desencontros aqui envolvidos) gera a percepção de que o tempo da reflexão alongada pode ser dispensado. O engano traz consigo um elemento doloroso, sobretudo quando falamos da educação formal, haja vista o “ritmo TikTok” sugerir que o passado é uma quimera e o futuro uma estranha indagação. Daí a pergunta: até onde o acionamento das IAs, particularmente no que tange ao mister do ensino-aprendizagem, não estaria reprogramando a própria temporalidade afetiva, emocional, cognitiva etc., dos discentes e dos próprios docentes?

Em resumo, os quatro pontos acima arrolados, de outros sobre os quais iremos nos debruçar, indicam uma espécie de roteiro que pode ser organizado pelos educadores visando a enfrentar o inevitável debate, já em andamento na sociedade, referido à presença das IAs generativas no ecossistema escolar e as implicações éticas aí compreendidas.

Em fim

Pelo exposto, o resumo expandido ora encaminhada busca situar a entrada das IAs nas escolas, seja pelo fato de já existirem trabalhos em sala de aula apoiados nos dispositivos, seja porque discentes e docentes estão diretamente envolvidos nos circuitos que abrigam smartphones, internet, computadores, ChatGPT. Neste cenário, cabe à educação formal pensar em projetos comunicativo-pedagógicos (para os quais indicamos alguns tópicos) que esclareçam as dinâmicas funcionais, os alcances sociais e as implicações éticas decorrentes da crescente utilização das IAs.

REFERÊNCIAS

CITELLI, Adilson. GPT-3: um cérebro eletrônico no jardim do fascínio. **Anais**. Intercom, 46º Congresso. Belo Horizonte, 2023. Disponível em: https://sistemas.intercom.org.br/pdf/link_aceite/nacional/11/0814202323354764dae483946f0.pdf. Acesso em: 11 jul. 2024.

CITELLI, Adilson. Espelhamentos: o GPT e a educação. Revista **Comunicação & Educação**. Número especial (2024). Do analógico à inteligência artificial: 30 anos de Comunicação & Educação. No prelo

FISHER, Max. **A máquina do caos**. Como as redes sociais reprogramaram nossa mente e nosso mundo. São Paulo: Todavia, 2023.